



BRASILEIROS NO TOPO DO MUNDO



O maestro e imperador

Radicado em Lisboa, Ricardo Bernardes será o regente de orquestras que executarão músicas de Dom Pedro I, como parte das comemorações dos 200 anos da Independência do Brasil

» VICENTE NUNES
CORRESPONDENTE

Lisboa — Foi aos 13 anos que Ricardo Bernardes disse ao pai, um conceituado médico de Curitiba, que seria maestro. O menino, que acabara de entrar na adolescência, ainda não tinha muita noção do porquê decidiu enveredar pelo mundo da música, mas pouca coisa o tinha tocado tanto quanto as melodias clássicas de Mozart que ele ouvia todas as manhãs no carro com a mãe a caminho da escola. A sensação era de que os acordes lhe tocavam a alma. “Meu pai levou um susto. Na cabeça dele,

seria médico, como ele, advogado ou engenheiro”, conta Bernardes, hoje, com 46 anos. “Meu pai até insistiu para que eu me inscrevesse no vestibular para tentar seguir nas profissões que ele considerava as mais adequadas para mim. Segui o conselho dele, mas também me inscrevi para música. Nas provas finais, faltei em todas, só fui atrás do meu sonho. E aqui estou”, diz, sorridente.

Bernardes está a mil por hora. E não esconde a ansiedade. Será dele a responsabilidade por reger as orquestras que vão executar músicas de Dom Pedro I, o primeiro imperador do Brasil — sim, ele também era músico e compôs o *Hino da*

Independência. Os concertos fazem parte das comemorações dos 200 anos da libertação de Brasil de Portugal. O primeiro — “Dom Pedro e a música após o Grito do Ipiranga” — está marcado para 21 de outubro, em Lisboa. O segundo — “Um reino e um império, a música da Capela Real do Rio de Janeiro nos tempos de Dom Pedro” — ocorrerá em janeiro de 2023. “Vamos mostrar um lado que poucos conhecem do imperador brasileiro. E, claro, ressaltar como era riquíssima a vida cultural no Rio no período em que a família real e a corte portuguesa viveram na cidade”, afirma.

O maestro reconhece que não é fácil viver de música, sobretudo no Brasil, onde

a cultura não tem o respeito necessário. Por isso, a sua opção por se fixar em Portugal, onde governo e iniciativa privada investem pesado para que a sociedade tenha acesso a todo tipo de arte. Durante os dois primeiros anos da pandemia, por exemplo, o governo português e a Fundação Gulbenkian arcaram com todos os projetos culturais que foram suspensos por causa das medidas de contingência contra a covid-19. Artistas como ele não ficaram desamparados. Agora, com a retomada dos espetáculos, ele acredita que está na hora de todos que vivem da cultura entregar o que de melhor podem fazer para a população. É questão de respeito.